
CONSTRUIR AS VISUALIZAÇÕES DA PAISAGEM URBANA: PRÁTICAS INGLÊSAS E AMERICANAS POSTERIORES À SEGUNDA GUERRA*

Frédéric Pousin

Resumo

A paisagem urbana foi objeto de um importante debate entre arquitetos, urbanistas e paisagistas, após a Segunda Guerra. Dois acontecimentos delimitam esse debate: a difusão do *townscape* pela revista inglesa *The Architectural Review*, que inaugura a tradição do *visual planning*; o estudo de Las Vegas por Denise Scott Brown, que modifica em profundidade o olhar sobre a cidade contemporânea. A noção de paisagem, que interroga as fronteiras entre a arquitetura, o visual e a cultura aí referida, recorre freqüentemente a descrições de cidade e de arquitetura. Estas supõem a manipulação de imagens: não se trata de um jogo, mas de uma nova forma de expressão do pensamento.

Ao final dos anos 1940, tem lugar, na Inglaterra, um debate arquitetônico em torno da idéia de paisagem urbana.¹ É o início de uma mudança profunda na maneira de se pensar a intervenção na cidade. As transformações que se desencadeiam então se acompanham de estratégias visuais que, para nossa pesquisa sobre o poder das figuras, são da maior importância. De fato, é ao mesmo tempo através de uma produção e de uma manipulação de imagens que se constituem os novos pensamentos sobre a cidade e a arquitetura. Essas imagens são, antes de tudo, fotografias, mas também *desenhos*,

* Tradução do texto "Construire les visualisations du paysage urbain", publicado originalmente no *Cahiers de la Recherche Architecturale et Urbaine*, Monun, Éditions du Patrimoine, Paris, mai/2001.

¹ O presente artigo resulta de uma pesquisa realizada enquanto pesquisador convidado no Centro Canadense de Arquitetura, de fevereiro a agosto de 2000. Agradeço, particularmente, a Phyllis Lambert, assim como a Kurt Forster e Réjean Legault por terem sustentado minhas pesquisas sobre a paisagem urbana.

mapas e *figuras canônicas* da *representação arquitetônica*. Organizadas em séries, em quadros, constituindo pares de oposições, se encadeando em ritmos calculados, as imagens manifestam uma inteligência do olhar e da capacidade do visual de configurar e suportar idéias. Assim se constitui um discurso crítico sobre a cidade e sobre os meios de intervenção urbana, ao mesmo tempo em que se elaboram instrumentos para os profissionais.

Para nós, trata-se inicialmente de compreender os termos e os jogos de um debate que se dá em um lado e outro do Atlântico, principalmente através dos termos de *townscape* e de *urban landscape**. Em seguida, interrogaremos, de um ponto de vista epistemológico, as categorias que as fundam e as figuras que lhes dão corpo.

As condições de emergência do *townscape*

Na Inglaterra, após a Segunda Guerra Mundial, a revista *The Architectural Review* introduz um debate sobre a modernidade arquitetônica, sob a direção de Nikolaus Pevsner e James Richards, ambos tendo largamente contribuído para o conhecimento e a difusão do Movimento moderno.² A revista voltava, então, seu olhar para a Suécia a fim de desenvolver uma tendência da modernidade, o *new empiricism*, que seria fundado em meios culturais específicos a cada país, em detrimento da *tábua rasa* radical associada ao Movimento moderno. Enquanto o *new empiricism* reivindicava ancoragem na exposição de Estocolmo de 1930, a modernidade britânica saberia encontrar suas origens na tradição do pitoresco. Tratar-se-ia, igualmente, de não se romper com o passado, em um momento em que planos para o re-desenvolvimento de Londres ganhavam forma.

O movimento *neopicturesque* impulsionado pela *The Architectural Review* foi percebido pelos jovens arquitetos ingleses, que sustentavam o Movimento moderno, como uma forma de *revival* insuportável. Segue-se uma polêmica da qual o artigo de Reyner Banham, “Revenge of the Picturesque: English Architectural Polemics, 1945-

* N.T.: Mantendo a opção do autor no texto original, optamos por não traduzir, do inglês, um conjunto de termos que carregam uma carga conceitual específica ao campo de conhecimento em que se elaboram.

² Cf. N. Pevsner, *Pioneers of the Modern Movement: from William Morris to Walter Gropius*, Londres, Faber and Faber, 1936, e J.-M. Richards, *An Introduction to Modern Architecture*, Penguin, Harmondsworth, New York, 1940.

1965”,³ publicado em 1968, retrata as vicissitudes. Banham mostra que através da polêmica se configurava de fato um confronto de gerações.

Aqui, não faremos mais do que evocar a dimensão da polêmica em torno do *neopicturesque* como o objetivo de sublinhar a abertura real de uma sensibilidade para a paisagem, concretizada e largamente difundida sob o termo *townscape*.

A introdução de uma problemática da paisagem contribuiu, notadamente, para articular a arquitetura e o urbanismo sobre a cultura visual, ao lado de concepções quantitativas e abstratas do *townplanning* então em vigor. Ela acompanhou, assim, com olhar crítico, a articulação da arquitetura de solo à geografia. Por isso, Banham escrevia, em 1968: “o pitoresco triunfou (uma vez mais) enquanto técnica pragmática de planejamento do território; para a maioria dos intelectuais arquitetos, ele permanece inaceitável enquanto disciplina estética.”

Para além do debate estético e doutrinal de então, gostaríamos de destacar os jogos teóricos do *townscape*. Para apreender essa aventura em toda sua dimensão, convém tomar em consideração as linhas que a ligam à América do Norte. Essas múltiplas linhas passam pela colaboração de pessoas: Gordon Cullen, o maior artífice do *townscape*, colaborou com Christopher Tunnard, arquiteto paisagista canadense que será professor de “planejamento urbano” em Yale, na ilustração de sua obra *Gardens in Modern Landscape*, e no projeto de jardim de uma casa concebida por Serge Chermayeff. Essas ligações se manifestam também no interesse da *The Architectural Review* pela arquitetura moderna californiana, desde os primeiros números após a guerra. No número de janeiro de 1949 é publicado um artigo de Garrett Eckbo, intitulado “Landscape Design in the USA”, onde apresenta seus projetos de jardins para casas individuais.

É no correr do ano de 1949 que a revista londrina *The Architectural Review* milita abertamente a favor da idéia do *townscape*. Em 1950, ela se volta para a paisagem urbana americana em um número especial intitulado *Man made America*, no qual Henry Russel Hitchcock, Christopher Tunnard e Gerard Kallmann são convidados a se debruçar sobre o *American urban landscape*. A constatação de Tunnard é sombria: a paisagem urbana americana é incontrolável, caótica. Em sua maioria é um *no man's land* de cidades, de ruas e pátios de fundo sobre os quais os especialistas não têm meios de agir,

³ Este artigo aparece em John Summerson (ed.), *Concerning Architecture: Essays on Architectural Writers and Writing Presented to Nikolaus Pevsner*. Londres, Allen Lane, 1968, pp. 265- 273.

salvo exceções. Hitchcock prega, quanto a ele, a necessidade de “olhar as coisas como elas realmente são”,⁴ e propõe estudar os novos tipos de arquitetura que margeiam as estradas. A revista denuncia a ausência de intervenção de profissionais e propaga seu desgosto pela encarnação da *unbeautiful city*: Las Vegas.

Esse número de 1950 abre, portanto, a questão da paisagem para além das fronteiras da Grã-Bretanha e reafirma a necessidade de desenvolver meios de compreensão e ação sobre sua construção. A designação de Las Vegas como antimodelo é, desse ponto de vista, sintomática: ela permite melhor compreender o empreendimento de Denise Scott Brown e Robert Venturi vinte anos mais tarde.

Um empreendimento editorial

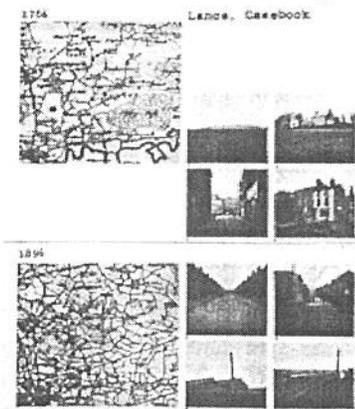
Durante uma dezena de anos, *The Architectural Review* consagrou numerosos artigos ao *townscape* e às questões que o animam: as novas cidades, a acomodação* das vias de circulação, a urbanização dispersa. São publicadas séries de estudos, diários de anotações (*casebooks*), projetos e contraprojetos, apoiando-se em um importante material visual, assim como resenhas de leituras, polêmicas e confrontações regulares com a situação dos Estados Unidos, da Califórnia em particular. Dois números consagrados às exposições do *Festival of Britain* de 1951 e à exposição de Bruxelas de 1958 propiciaram uma leitura original, manifestando o caráter lúdico e notável da noção de *townscape*. Além disso, dois números especiais constituem momentos fortes do debate de idéias envolvidas: o de junho de 1955, intitulado *Outrage*, consagrado à “*subtopia*”, e aquele de dezembro de 1956, intitulado *Counter Attack*, que afirma os princípios do *visual planning*.

Outrage atesta uma urbanização universal, nem cidade, nem campo, que se estende da periferia em direção ao campo e retorna aos centros das cidades sem vitalidade, acompanhando-se de numerosos efeitos negativos. A *subtopia* se define como o universo crítico da fraca densidade. É sobre o terreno do visual que a crítica é encaminhada, consignando um grande número de fatos sob a forma de indicações fotográficas

⁴ “Things how they really are.”

* N.T.: Acomodação é, aqui, uma tradução possível de *aménagement*. Por essa palavra, podemos compreender tanto ações do tipo acomodar, ordenar ou ajeitar, quanto o seu resultado. Esse equívoco atravessa a tradução dessa palavra nesse texto.

organizadas em coleções (*casebooks*), de esboços mostrando os estados de transformação sucessiva ou ainda imagens emblemáticas da situação encontrada. Um “diário de viagem” reúne os casos encontrados no itinerário que atravessa a Grã-Bretanha de norte a sul – itinerário que pretende ser um recorte representativo de um estado do território. Este “recorte” se manifesta por representações cartográficas, anexadas às coleções de fotos. O número finaliza com um manifesto e uma lista de preceitos que reivindicam ao mesmo tempo um projeto global e soluções adaptadas às situações.



Este extrato fotográfico de casos negativos da urbanização dispersa (ou subtopia) está publicado sob a forma de uma “coleção de casos” ou casebook, segundo um itinerário norte-sul que pretende ser um recorte representativo da Inglaterra. A presença de mapas evoca a tradição da viagem pitoresca e permite visualizar a evolução histórica da ocupação do território. *Outrage, The Architectural Review*, junho de 1955, p. 422. Fotografias reproduzidas no conjunto do artigo: Coleção do Centre Canadien d’Architecture/Montreal.

Counter Attack constitui uma verdadeira profissão de fé. Logo no início, os princípios de bases do *visual planning* são afirmados sob a rubrica *A visual ABC*. Em seguida, séries de indicações (*casebooks*) procuram dar corpo às categorias de paisagem propostas pelo *townscape*, e enumerar os elementos constitutivos das cenas características dessas categorias. Os artigos são consagrados a temas como reflorestamento, anúncios publicitários ou áreas militares. O conjunto do número sustenta a manutenção de um controle estético e o cancelamento da isenção do controle da urbanização. A crítica endereçada ao *townplanning* incide sobre os padrões de densidade, iluminação e largura das estradas, julgadas pouco acessíveis de um ponto de vista administrativo e que geram um desperdício de espaço. A retórica se funda em exemplos, ordenados em categorias e dando lugar a desenvolvimentos que incluem os contra-exemplos sob a forma de imagens.



A rubrica *A visual ABC* (imagem à esquerda), que abre o número especial do *Counter Attack*, define os princípios de base do *visual planning*. Na página à esquerda, as fotos de Los Angeles ilustram a crítica da urbanização em curso. Elas funcionam, ao mesmo tempo, como retomada do número de *Outrage* (imagem à direita) e como previsão da urbanização inglesa dos anos 1970-80. As categorias de análise da paisagem propostas pelo *townscape* são constituídas de exemplos e contra-exemplos visuais, acompanhados de textos com definições. *Counter Attack: The Architectural Review*, dezembro de 1956, pp. 354-355 e 362-363.

Para melhor apreciar a crítica do *townscape* às pesquisas qualificadas de “científicas”, é preciso, por certo, considerar o contexto burocrático do *townplanning* na Inglaterra, mas também evocar o caráter das pesquisas metodológicas no mundo anglo-americano.⁵

Livros que definem um paradigma

Em 1961, Cullen publica sua obra *Townscape* (Londres, The Architectural Press), síntese de artigos publicados durante dez anos em *The Architectural Review*. Na primeira metade dos anos 1960, várias outras obras aparecem, tratando explicitamente

⁵ Cf. J.-P. Chupin, *Le Projet analogue: les phases analogiques du projet d'architecture en situation pédagogique*, tese de PhD em Aménagement, Universidade de Montreal, 1998, cap. 2, “Horizons et limites des représentations méthodologiques de la conception architecturale”. Ver igualmente, “L’analogie ou les écarts de genèse du projet d’architecture”, *Gênese*, n. 14, Paris, CCA – Jean-Michel Place, 2000, pp. 67-91.

da paisagem urbana e adotando estratégias comuns do modo de representação da arquitetura e da cidade. Citemos as obras de Geoffrey Jellicoe, *Motopia*⁶ e de Peter Blake, *God's own Junkyard*,⁷ publicadas em 1961, assim como as de Laurence Halprin, *Cities*,⁸ Garrett Eckbo, *The Urban Landscape Design*⁹ e Ian McHarg, *Design with Nature*,¹⁰ publicadas em 1963, 1964 e 1969 respectivamente. O empreendimento de Denise Scott Brown com seus estudantes de Yale em Las Vegas, em 1968, o livro *Learning from Las Vegas*¹¹ de Brown, Venturi e Izenour e, em menor escala, o livro de grande difusão publicado¹² em 1977, constituem, aos nossos olhos, um último nó de ligação do discurso sobre a paisagem urbana tal como ela se constrói então.

É preciso explicitar o que reúne essas obras, para além de suas diferenças. Todas procedem de uma vontade de recensear os fenômenos que caracterizam a urbanização através de um método de indicações visuais, majoritariamente fotográficas. Frequentemente, na ausência de legenda, as imagens não remetem a uma situação referencial identificável. Às vezes, ocorre de, no texto que as acompanha, o referente de certas imagens ser especificado, mas na maior parte do tempo é preciso recorrer à página de créditos fotográficos para identificá-lo. As imagens se apresentam, antes de tudo, como acumulação de fatos.

A obra de Blake propõe principalmente uma indicação das patologias da paisagem urbana americana. Seu tom veemente e denunciador corrobora a idéia de uma patologia que ele busca diagnosticar. O livro de Cullen supera a fase da denúncia e propõe, antes de tudo, uma organização dos fatos reunidos conforme uma categorização original, que pretende ser uma *linguagem* para os arquitetos e urbanistas. Se há numerosos contra-exemplos entre os fatos apresentados, o discurso não é marcado por uma orientação negativa geral. Além disso, ele apresenta numerosos projetos elaborados pelo autor,

⁶ G. Jellicoe, *Motopia, A Study in the Evolutions of Urban Landscape*, Londres, Studio Boobs – Longacre Press, 1961.

⁷ P. Blake, *God's own Junkyard. The Planned Deterioration of America's Landscape*, New York, Holt, Reinhart and Winston, 1964.

⁸ L. Halprin, *Cities*, New York, Reinhold, 1963.

⁹ G. Eckbo, *The Urban Landscape Design*, McGraw Hill Inc., New York, 1964.

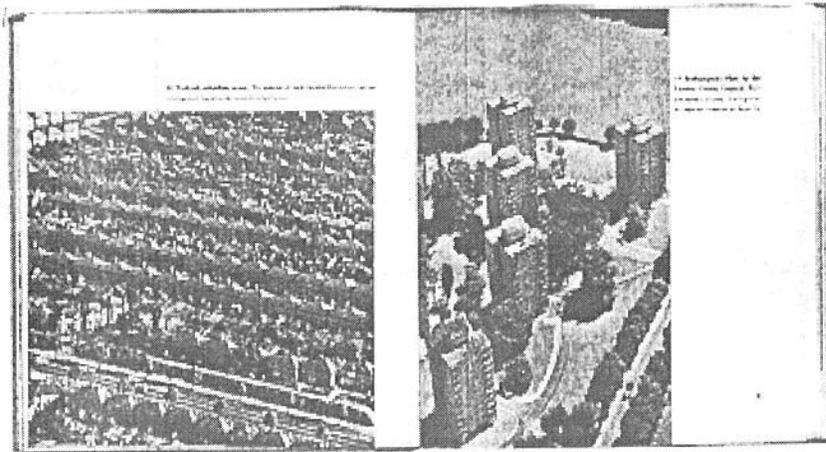
¹⁰ I. McHarg, *Design with Nature*, Philadelphia, The Falcon Press, 1969.

¹¹ R. Venturi, D. Scott Brown e S. Izenour, *Learning from Las Vegas*, Cambridge (Mass.), The MIT Press, 1972.

¹² *Learning from Las Vegas: The Forgotten Symbolism of Architecture*. Cambridge (Mass.), The MIT Press, 1977.

manifestando o caráter operatório da noção de *townscape*. Sublinhamos que a obra de Blake não se propõe a elaborar instrumentos para ação, diferentemente de outras cujos títulos apresentamos.

O livro de Jellicoe participa plenamente de um discurso visual sobre a paisagem urbana, propondo uma caracterização da urbanização de acordo com cinco entradas temáticas, expostas graças a *modelos* – mapas e fotografias – organizados segundo uma lógica evolucionista da qual a utopia urbana e territorial – *Motopia* – seria o resultado final, integrando mobilidade e paisagismo.



Duas figuras da geometria da cidade no início do século XX: periferia de Watford, com o dispositivo da casa parcialmente destacada e, em contraponto, habitações coletivas em Roehampton, realizadas por London Country Council (LCC), que testemunham a reconciliação da arquitetura moderna com a tradição pitoresca. G. Jellicoe, *Motopia*, 1961, pp.40-41.

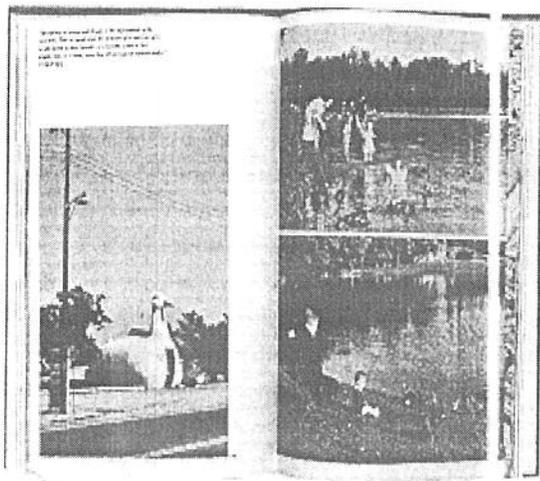
Como indica o título da obra de Eckbo, *The Urban Landscape Design*, a reflexão sobre a paisagem urbana se ancora em uma cultura científica contemporânea que integra o *design* como novo objeto de pesquisa.

A primeira parte da obra é construída por meio de uma sucessão de parágrafos formando artigos, acompanhada de séries de fotografias estabelecendo um discurso visual paralelo.

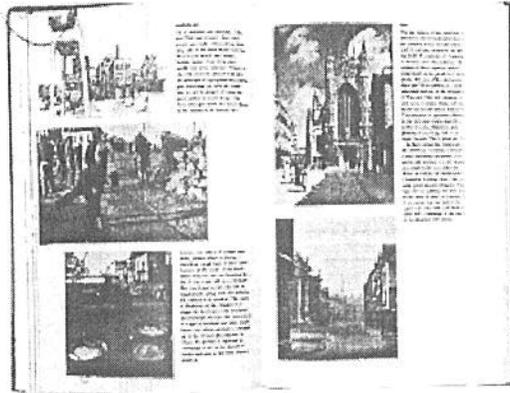
A segunda parte, quanto a ela, se organiza em torno de uma seleção de projetos, manifestando, nesse caso, uma certa semelhança com a obra de Cullen. Entretanto, diferentemente deste, o livro de Eckobo constrói uma intertextualidade bastante forte, que participa da definição de *urban landscape*, vinculando-o a seus predecessores (Camilo Sitte, Frederick Law Olmstad) e a outros domínios de saberes (psicologia da Gestalt, estudos urbanos e *design activities*, notadamente).

O livro de Blake, *God's own Junkyard*, serviu, portanto, de antimodelo para Scott Brown e Venturi no estudo sobre Las Vegas.

Sua obra de 1972, em efeito, reserva uma grande parte às formas de representação desenvolvidas para descrever a cidade. Mas os quadros de fotos não mais funcionam para testemunhar uma patologia dos fatos marcados, nem para evidenciar modelos, mas para caracterizar o fenômeno estudado: a paisagem da típica cidade americana comercial. O discurso se faz na contraparte daquele de Blake, em termos de julgamentos sobre a cidade americana comercial; algumas imagens do livro de Blake são citadas por Venturi, entre elas a célebre *duck (road side stand, Long Island)*. *Learning from Las Vegas* acompanha-se, além disso, de um ensaio sobre arquitetura que o distingue claramente das demais obras que comentamos.



A figura do pato nas paisagens americanas, com um espaço reservado às margens da rodovia para Long Island e represas de água nos cinturões verdes de Maryland e Mineápolis. Opondo o desvio, para fins mercantis, de um motivo arquetípico da natureza na cidade, o autor diagnostica patologias na cultura urbana americana através de traços da paisagem. P. Blake, *God's own Junkyard*, 1964, pp. 103-104.



Prancha construindo a categoria de *múltiplo uso*, antônimo de *segregação* – conceito-chave do funcionalismo que crítica radicalmente a teorização do *townscape*. As primeiras imagens exemplificam as quantidades que são definidas, em seguida, pelo texto descrevendo a categoria. O pensamento parte de situações encontradas que são transpostas em imagens por desenhos ou fotos. G. Cullen, *Townscape*, 1961, pp. 76-77.

Figuras de pensamento da paisagem urbana

Através da linha editorial de uma grande revista de arquitetura, mas também de obras que têm em comum o apoio em estratégias visuais para elaborar seu discurso, a paisagem urbana se constitui ao mesmo tempo como domínio de conhecimentos e campo de intervenção. Quais são essas estratégias visuais e que papel jogam na constituição de um domínio de saber? De início, como vimos, o recurso à imagem permite estabelecer uma constatação de patologias. A acumulação de *atos urbanos* traz à tona as desordens, os disfuncionamentos e, em consequência, permite fazer aparecer modelos obsoletos e ordens desejáveis. Convém, portanto, dar atenção especial a isso que poderia aparecer de outra maneira, como uma inflação de imagens de fatos heterogêneos. Portanto, é preciso interrogar o sentido das enumerações, assim como a organização dessas imagens, sua classificação, seu lugar num quadro e as correspondências estabelecidas.

Em uma obra como a de Cullen se enuncia explicitamente – como vimos – uma intenção de categorização e, até mesmo, de constituição de uma linguagem. As imagens são parte constitutiva desses processos de categorização. Se esta se faz presente também em outras obras, não será, no entanto, a não ser sob a forma de neologismos que estruturam o índice, como em Blake: *townscape*, *landscape*, *carscape*, *skyscape*.

Em consequência, parece que as imagens estão ali a serviço de vários objetivos. De uma parte, elas servem a uma estratégia de construção de um domínio de conhecimento

e de ação. A imagem se presta a uma mediação essencial na constituição de ordens de objetividade. Os fatos representativos da paisagem urbana são elaborados através de operações de seleção e de comparação de fenômenos de urbanização que são tornados significantes e manipuláveis pelo intérprete da representação. De outra parte, eles servem de estratégia comunicacional, na medida em que se trata de convencer um público de profissionais, mais ou menos amplo, da realidade da paisagem urbana. Enfim, quer seja gráfica ou fotográfica, a imagem é convocada como instrumento de intervenção e se torna um meio de concepção do projeto.

Seremos, desse modo, conduzidos a identificar três pólos concernentes às faces “operatórias” da imagem. A primeira concerne à constituição de uma ordem de objetividade através da construção de fatos; a segunda, à difusão de informação e circulação de um saber e a terceira à instrumentalização da concepção.¹³

No livro de Cullen, a parte intitulada “Casebook” está organizada em torno de quatro noções: *optics, place, content e functional tradition*,¹⁴ que se declinam em múltiplas categorias. Que papel jogam as imagens na produção dessas categorias? Examinemos a categoria *multiple use* – antônima de *segregation*, conceito-chave do zoneamento funcional. Ela é exposta por meio de imagem de projeto e de duas fotografias que são complementadas de forma que “a cena dos cais do Tâmbisa, tal como eles poderiam ser dispostos de acordo com um programa residencial integrado aos entrepostos, é uma vista típica de uso misto, enquanto que, mais abaixo, a disposição global está resumida em cenas francesas onde o solos é presumido pertencer a todos, tanto aos jogadores de bocha quanto ao trem, se houver necessidade”.¹⁵ A imagem seria, aí, uma representação

¹³ Conforme Ola Södeström marcou em nossa discussão, nossa pesquisa não procura dar conta dos “usos das figuras em ato” – uma mesma figura podendo ter diferentes efeitos em função das situações das quais ela participa. Nosso olhar se direciona, de um lado, sobre a eficácia interna das figuras, que constitui a realidade à qual elas se remetem em um conjunto coerente e manipulável. Buscamos, de outro lado, descrever sua eficácia externa através de suportes que asseguram sua difusão (revistas, livros e exposições) e através de sua aptidão de promover uma ação.

¹⁴ Essas noções são inspiradas em uma parte das doutrinas do *new empiricism* e do *neopicturesque*, em particular a idéia de *functional tradition* que tenta fundar, em bases vernaculares, o funcionalismo que caracterizou a arquitetura do Movimento moderno.

¹⁵ G. Cullen, *Townscape*, op. cit., nota 6, p. 76.

típica, um resumo da noção. As imagens são, de fato, denotadas pela categoria que toma o lugar de legenda. Elas são, em seguida, objeto de uma descrição dentro da exposição da categoria. Elas aparecem, no entanto, primeiro ao olhar da categoria que, às vezes muito empírico, pode não ser quase nada mais que um título de imagem. O que é certo é que a reflexão parte de objetos e espaços urbanos encontrados e que a obra de Cullen tenta, em seguida, sistematizar um conjunto de *referências*.

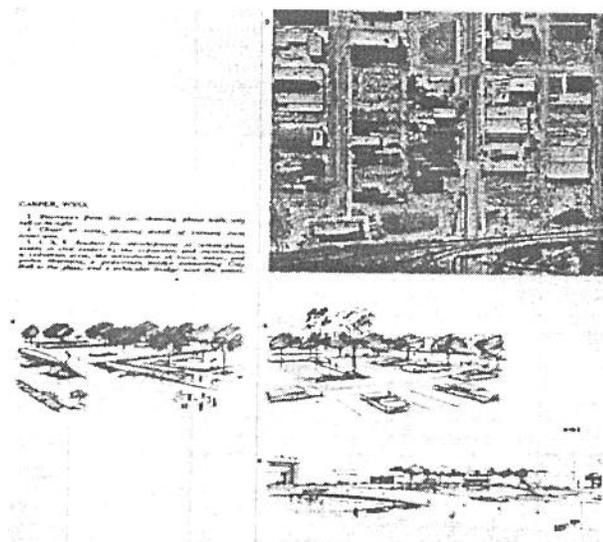
Compreende-se de que modo um pensamento que parte dos objetos supõe interrogar a capacidade urbana de se apresentar ao olhar. Em Cullen, os fragmentos de espaços tomados em imagem entram em uma relação de exemplificação com as categorias às quais são associados, para retomar a terminologia de Nelson Goodman.¹⁶ Este último distingue quatro modos de significar – ou de referir, pois, para ele, significar é referir – entre as quais a exemplificação seria o modo mais comumente partilhado pelos edifícios. Diferentemente da denotação, a exemplificação não vai do símbolo em direção àquilo a que ele se aplica, mas na direção oposta, do denotado em direção ao símbolo. A exemplificação permite, portanto, pensar a referência em função de uma “direcionalidade” privilegiada, da coisa em direção ao signo. Entretanto, em Cullen, os fragmentos de espaço urbano são apreendidos pelo olhar, depois colocados em imagem, o que introduz muitos níveis de complexidade.

A segunda parte do livro de Eckbo, intitulada justamente “*The examples*”, permite interrogar de outro modo o estatuto e o papel dos exemplos. Eles são os projetos e as realizações, apresentados ao mesmo tempo graças a documentos gráficos e fotográficos, acompanhados de textos curtos expondo os dados do local, os objetivos e os elementos do programa. A maior parte provém da agência do autor. Eles se organizam segundo seis conjuntos que estruturam o domínio do *urban landscape design: room and patio; building and site; building in groups; parks and playground; streets and squares, neighborhood, community and region*.

Cada projeto constitui um *dado* representativo do conjunto definido por seu título e explicitado por um texto introdutório. Esses “dados” são, em realidade, duplamente “construídos”: por um gesto que faz de cada projeto o emblema de uma classe de projetos análogos, e por um outro gesto que constrói a seqüência de dados constitutivos

¹⁶ Cf. *Les Langages de l'Art*, Nîmes, Éditions Jacqueline Cambon, 1990.

do conjunto. Assim, no conjunto *streets and squares*, encontraremos: os jardins em torno de edifícios de escritórios, os *malls*, os espaços abertos dos grupos escolares, a interface entre uma autopista e um equipamento, um cais, uma praça.



Parte sul da cidade de Casper Wyo com seus equipamentos comunitários. As fotografias aéreas mostram a praça do hotel da cidade e um detalhe do centro cívico. Os desenhos são proposições de organização (*aménagement*) (por Smith, Williams, Eckbo, Dean e Austin) de uma praça urbana como zonas calçadas (para pedestres), árvores, água, jardins e a criação de pontos para pedestres e automóveis. G. Eckbo, *The Urban Landscape Design*, 1964, p. 201.

Sobre um tal modo de corte do domínio, citamos Eckbo: “Estas são as categorias adequadas, mas seus elementos não são menos reais e úteis... No modo como são utilizadas aqui, elas manifestam a continuidade que liga a escala de espaços individuais àquela dos espaços da comunidade, assim como a necessidade de uma seqüência eminentemente variável no seio mesmo dessa dupla hierarquia de escala espacial da paisagem.”¹⁷ O corte do continuum físico é, como se vê, uma necessidade tanto para a reflexão quanto para a ação. A possibilidade de um discurso sobre o projeto de paisagem se apóia sobre o corte do continuum da paisagem física, através da construção de *dados* que ele permite pensar. Porque esse corte do continuum do espaço edificado é

¹⁷ G. Eckbo, *The Urban Landscape Design*, op. cit. nota 9, p. 158.

uma condição *sine qua non* do projeto e um problema teórico da concepção arquitetônica. Em revanche, a continuidade visual e geográfica é uma característica e uma exigência da paisagem que condiciona o ponto de vista do *urban landscape design*.

Através de tal questionamento do exemplo, buscamos compreender os gestos que, pela manipulação de imagens e de representações, constituem o domínio da paisagem urbana como campo operacional para um público de profissionais, no sentido largo do termo. É assim a circulação da informação que está em jogo aqui: quais são as realizações ou os projetos representativos e como eles são organizados na economia da produção?

O primeiro estudo de Las Vegas, realizado em 1968 por Denise Scott Brown com estudantes de Yale, reivindica uma investigação do ponto de vista da forma e dos instrumentos de representação, em parte abordada no livro de 1972. Trata-se de inventar formas de visualização que permitem interpretar e interferir na cidade. Las Vegas é apresentada como um arquétipo da cidade comercial. D. Scott Brown e sua equipe enveredam, desse modo, por um verdadeiro empreendimento de “semantização” dos componentes da grande artéria comercial, que procura integrar pesquisas vindas da geografia das representações, notadamente, dos estudos elaborados por Kevin Lynch sobre as representações da experiência no meio urbano.

Sublinharemos que as formas iconográficas colocadas em cena naquela ocasião procedem, seja de manipulações de formas históricas, seja do empréstimo de campos de experiências conexas à arquitetura e ao urbanismo. Desse modo, o plano de Roma estabelecido por Nolli serve de modelo para *fazer ver* as ligações complexas e sensíveis entre espaços privados e públicos da cidade. A cartografia é declinada sob múltiplas formas, com finalidades às vezes não convencionais: por exemplo, um mapa de utilização de solos permite indicar um mapa sistemático de base de cassinos; um mapa de ruas permite colocar em relação movimentos e cruzamentos simbólicos. É sempre a dupla função de registro e de revelação de uma ordem espacial, de uma densidade, e mesmo de uma intensidade de kilowatts, que é pontuada pelo mapa. Ela permite assim acessar ao visível uma informação de outra ordem. Para compreender a profusão visual de Las Vegas, a diversidade das formas de expressão fotográfica é utilizada, entre as quais a iconografia turística, a exemplo de panoramas fotográficos. O inventário descritivo do que se oferece ao olhar recorre ao *quadro de imagens*, cujas

entradas são constituídas de categorias compostas, emprestadas da arquitetura, da história, da arte, da representação. Enfim, certas figurações são emprestadas ao corpus de figuras da representação arquitetônica que se poderiam qualificar de canônicas, no sentido em que se trata de representações comumente utilizadas e cujas incidências sobre as formas de pensamento próprio a uma disciplina não são avaliadas. Além do plano de Nolli já comentado, a descrição da relação arquitetura/cidade recorre ao paralelo gráfico em escala única, surgido no século XVIII. Este instrumento de comparação convoca, aqui, como parâmetros, os ideais da modernidade americana encarnada por Wright e Broadacre City.

Com *Learning from Las Vegas*, as numerosas figurações subentendidas ao estudo, mas graças as quais igualmente ela se enuncia, assumem o papel de *retrato da cidade*, seja ela existente ou em projeto. As manipulações visuais propostas pela equipe de Venturi conheceram um sucesso certo, que nós não seguiremos aqui. Nós as retemos aqui pelo que elas representam potencialmente de uma instrumentação da concepção.

Conclusão

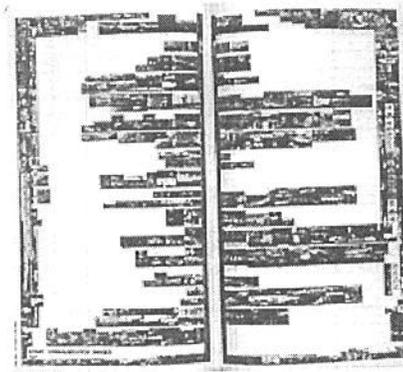
Com a idéia de paisagem urbana, as abordagens racionalistas, quer emanem do planejamento ou da racionalização lógica, desenvolvem um ponto de vista crítico incontestável. Para compreender seu alcance e valor, convém dar maior atenção aos empreendimentos de descrição da cidade e da arquitetura, descrições que passam pela manipulação de imagens – gráficas, fotográficas ou outras. Essas manipulações não são simples jogos, mas formas de expressão do pensamento.

As formas de representação que permitem uma compreensão qualitativa e visual da cidade constituem um corpus que, historicamente, sucede àqueles das figurações estatísticas e científicas elaboradas no seio do paradigma do “urbanismo funcional”, originário da *Carta de Atenas*. A esse respeito, o aparecimento de formas de representação merece ser estudado no quadro mais amplo de uma pesquisa consagrada às representações em arquitetura e em urbanismo. É se dirigindo a períodos de charneiras (dobraduras), aqueles durante os quais se operam as transformações, que se poderá melhor apreender os jogos e as implicações das diversas formas de representação.



Inventário fotográfico da diversidade de Strip de Las Vegas. O quadro estrutura a descrição: suas entradas são categorias compostas, emprestadas da arquitetura, da história, da arte e da representação. D. Scott Brown, R. Venturi, S. Szenour, *Learning from Las Vegas*, 1972, pp. 38-39.

Retrato de Las Vegas utilizando o imaginário turístico ordinário e o panorama fotográfico, estruturado sobre o modelo do "mapa-retrato" formulado no século XVII: no centro do documento, a representação do mapa da cidade e, no contorno, distribuição de vinhetas que são as imagens dos símbolos da força da cidade. O mapa-retrato é uma figura canônica dos olhares da cidade. D. Scott Brown, R. Venturi, S. Szenour, *Learning from Las Vegas*, 1972, pp. 60-61.



Tradução: Rosângela Morello

Résumé

Le paysage urbain a fait l'objet d'un important débat après la Seconde Guerre chez les architectes, les urbanistes et les paysagistes. Deux événements bornent ce débat: la diffusion du *townscape* par le revue anglaise *The Architectural Review*, que inaugure la tradition du *visual planning*; l'étude de Las Vegas, par Denise Scott Brown, qui achève de modifier en profondeur le regard porté sur la ville contemporaine. La notions de paysage, qui interroge les frontières entre l'architecture, le visuel et la culture s'y rapportant, a souvent recours aux descriptions de ville et d'architecture. Celles-ci supposent la manipulation d'images: il ne s'agit pas ici d'un jeu mais bien d'une nouvelle forme d'expression de la pensée.